

ACÇÃO SOCIAL

SEMÁNARIO CATHOLICO

(COM APPROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Redactor principal,

Padre Alexandrino José Leituga

Editor e proprietario,

João de Sousa

Redacção e Administração — Rua de S. Francisco, 50

ASSIGNATURAS:

Anno 1:200 — pelo correio 1:330
Semestre 600 — » » 670
Brazil e Africa, anno 1:000
Numero avulso 40 reis

ANNUNCIOS:

Corpo do jornal, por linha 80
Secção d'annuncios, por linha 50
Repetição, por linha 40
Comunicados, por linha 60
Annuncios permanentes, eo tracto especial

Comp. e imp. — Typ. de Fernando Marinho — BARCELLOS

“Anti-patriotas,, os catholicos?!”

Não sabemos (nem pretendemos saber-o), se a pessoa que está encarregada de nos censurar tem instrucções para illiminar d'estas columnas qualquer analyse inoffensiva dos factos, quer esta seja sob o ponto de vista politico-religioso, quer simplesmente sob o aspecto politico — pois não acreditamos em que essa pessoa submeta o seu criterio, nem a anti-pathias por este jornal, nem a indicações da demagogia — e, nem mesmo, a inspiração de qualquer estabelecimento dos que estão guiando a neutralidade do Estado em materia religiosa.

Sabemos apenas, — e é o que basta! — que os insultos dirigidos aos catholicos por um ministro da Republica, o sr. Alexandre Braga, merecem ser bem ponderados e bem meditados, para que todos os catholicos leiam n'essa attitude . . . o que desde ha muito tempo deveriam ter comprehendido — e verificado.

«O sr. Alexandre Braga foi profundamente infeliz, (são palavras textuaes do diario democratico, a «Manhã») ao classificar de «hypocrita» a caridade dos catholicos, ao denominar «bugigangas» e «amuletos» certos objectos de piedade.»

(Vamos a transcrever o que dizia a Manhã, já reproduzido em nota politica do Primeiro de Janeiro. Mas deixemos para outro numero essa apreciação do republicanissimo diario lisbonense.)

Aquelle ministro do Estado republicano disse tambem que «os catholicos eram sem Patria e obedeciam aos estrangeiros» — e não teve uma voz a seu lado — que lhe lembrasse que, por toda a parte, são os catholicos quem n'este momento estão dando os melhores exemplos do mais puro patriotismo!

Fixe, sr. Braga, o seu olhar nas terras onde se batalha tão bravamente, e veja como ali são os catholicos quem mais luctam e quem mais se sacrificam pela Causa que une n'um mesmo objectivo as nações alliadas!

Ainda em o nosso ultimo numero foi transcripto um trecho de um artigo da Ordem, salientando a piedade de um padre catholico, o **parrocho de Moledo**, padre Bernardino, que offereceu o seu sangue aos medicos de um hospital de guerra para estes, com esse seu sangue, poderem salvar um enfermo!

D'estes exemplos, tão nobres e tão cheios de piedade, não os tem o livre-pensamento para com elles confundir o catholicismo.

Que o sr. Alexandre Braga, mi-

nistro da justiça, affirmara no parlamento que «vae ser declarada a guerra aos catholicos» — ainda ha dias lemos e queremos archivar, em outro lugar, esta nota da «Ordem».

Se assim é, se a guerra tem de pronunciar-se mais, a nós, catholicos, só resta formar em linha e a prestar-nos para a defesa — para a defesa do catholicismo, entenda-se, que é herança preciosa que nos veio do Passado e legado patriotico que nos foi deixado pelos Mortos, queridos que fizeram grande a Patria quando batalharam por ella e pela Fé!

Mas como defendermo-nos? Não precisamos de armas de fogo nem de palavras de insulto, nem de impor um «crê ou morres», para defendermos o christianismo, a religião catholica! Defender-nos-hemos dentro da lei — dentro d'uma lei que seja justa e que a todos obrigue por equal.

Defender-nos-hemos organisando-nos, fortalecendo-nos, unindo-nos, nobres e plebeus, padres e leigos, tal e qual como nos unimos nos nossos templos a ouvir a missa, como soldados firmes em defesa das verdades contidas no Evangelho.

Que os governos da Republica tem sido demasiadamente tolerantes para os catholicos, tambem o disse o mesmo sr. Braga.

Mas os catholicos — reparem! — nunca pediram nem pedem tolerancia! Querem apenas ser tratados como portuguezes e não como escravos dentro da Patria — nunca, dentro d'ella tolerados por uma seita que jurou guerra ás suas crenças! Os catholicos querem apenas que seja feita justiça ás suas intenções, ao seu patriotismo mais que provado; e, para isso, se admitem que o Estado seja neutral em materia religiosa, elles querem e exigem, que essa neutralidade não continue a ser uma mentira e um escarneo á consciencia religiosa do paiz!

E' necessario que a Republica reconheça que a Igreja Catholica é e foi sempre a maior instituição moral a dentro das sociedades e a unica que é capaz de solidificar uma nacionalidade; a unica que é capaz de disciplinar um povo; a unica que é capaz de solificar a harmonia nos lares pelo estreitamento dos laços da familia; e a unica — por que só ella tem sido capaz d'isto! — de levar ás frentes de batalha um exercito constituido por milhares de homens que ali, por entre sorrisos e preces, vão legando á Patria não só o seu

sangue, mas tambem a sua vida — o que é mais!

Os catholicos não tem patria? E' «hypocrita» a caridade d'elles?

... Conte o sr. Alexandre Braga quantos catholicos se tem esquivado ao sacrificio da guerra. Conte quantos padres tem sido condecorados com a Cruz da Guerra, por actos de heroismo, de abnegação e de sacrificio — e peça á consciencia catholica que lhe perdoe este insulto!

Sem Patria, os catholicos!?! . . .

Oiga o fogaoso tribuno estas palavras que transcrevemos da ultima Pastoral do nosso illustre Episcopado e diga-nos de que lado estão os patriotas, de que banda estão os que pregam o dever de todos, n'este momento, e sem excepção, darem á Patria tudo — até o proprio sangue!

«...quando a patria se debate em difficuldades gravissimas, (quando são tão graves os perigos que ameaçam todos os povos), é então que mais imperiosamente se impõe este sacratissimo dever de amar a patria, até aos mais dolosos sacrificios, até ao sacrificio supremo da effusão do sangue.»

Inquiera o ministro republicano se de qualquer loja . . . alguma vez teria sahido, para os seus ir . . . um conselho que se pareça com este dos nossos Bispos, que se aproxime de este incitamento sahido do seio da Igreja Catholica.

Mas era necessario que um ministro da Republica fallasse assim das cadeiras do poder e deante da representação nacional?

Era preciso que aquellas palavras ficassem escriptas nos annaes parlamentaes, para que a Historia, um dia, lá vá encontral-as? Talvez! Porque seria necessario, para abrir os olhos a muita gente, que aquella odio republicano á Igreja Catholica se pronunciasse mais; e para que, postas as coisas no seu devido logar, venhamos a concordar em que se por principio doutrinario é certo que os catholicos devem collocar-se extranhos a partidos e a formas de governo, tambem é certo que tem de haver excepções quando attendidas certas circumstancias de character politico-religioso.

E terá, em Portugal, de haver uma d'essas excepções?

Vel-o-hemos em um proximo artigo, se a pessoa que nos censura estiver pela conta de nos permittir esta analyse fria dos factos e não houver o proposito de cortar, por cobardia, o que aqui se escreva.

Z.

Bichas de rabear

(O snr. Affonso Costa, para obter o prolongamento d'uma das sessões parlamentares, poz á disposição dos senadores automoveis para os levarem a casa).

Ao ler isto, o meu visinho,
Por alcunha o Zé Sisudo,
Queria escangalhar tudo,
Em vez de estar caladinho.

—«Dizem que não ha dinheiro?!
Só choradeiras, lamentos!
E tudo são 'sbanjamentos!...
Isto só a marmaleiro!...»

Tentei abater-lhe a crista
Com conselhos de prudencia:
—«Meu caro Zé tem paciencia:
Que é muito boa p'ra a vistal!...»

—«Paciencial replica elle
Paciencia! como a heide ter
Se vou ver a bolsa a arder
Se vão arrancar-me a pelle?»

—«E' operação mui suave!
Entre tantas lufas-lufas
Olha, pagas e não bufas,
Ajuntei eu lento e grave.»

—«Pague embora mas sequer
Ninguém me fará calar!
Hei-de pagar mas bufar
Quando muito bem quizer...»

Ao vê-lo assim tão rixoso,
—Palavra! — não disse mais...
Não bufasse elle demais...
Poderia ser perigoso!...

Zé Manhoso

Viva!... o archi-idolo dos nossos jacobinos

O grrrande Marquez de Pombal!

Ave Caesar! . . .

Irrompam, irrompam tambem perante a tua figura ultra-magestática d'um cesarismo absorvente, avassalador, os preitos da reacção, de mistura com as estridulas cores de louvores e desconcertantes ovações que o nosso cainho livre-pensadeirismo, estarrecido ante o teu vulto grandioso (?), te levanta servilmente, atrelando ao seu carro de triumpho o nosso mundo official!

Ave, ó prepotente e festejado dictador!

Pregoa-te com emphase o fecundo e benefico reformador portuguez, o derrotado precursor das ideias modernas, emancipador das consciencias, tribuno das liberdades publicas e individuaes, portabandeira dos sagrados ideaes da egualdade, fraternidade e justiça.

Se assim é, se esse trovejar de saudações não é uma mentira, uma exploração, um escarneo um accinte, . . . subam então até essa figura olympica as homenagens de lidimos portuguezes a quem desdenhosa e insolentemente chamam *reacção*; e repelli, ó manes do altivo ministro, essa irritante legenda — *dellenda reactio* — com que espiritos intolerantes e mesquinhos, projectam ferretar-te o monumento!

Mas ah! a historia . . . , a historia! como ella é inclemente, severa, contra o ministro de D. José!

Abaixo a inquisição!

Também nós bradamos contra essa instituição execranda, que, se na sua forma primitiva e attentas as circunstâncias da epocha era desculpavel, mais tarde, quando empalmada pelo Estado e meneada ao gosto de tyrannos como Pombal, se tornou hedionda de iniquidade e fereza. Este nefando tribunal só em 1821, 39 annos depois de morrer Pombal, foi abolido entre nós. Pois houve um ministro portuguez que em pleno seculo XX não cõrou de affirmar que a Inquisição foi suprimida pelo marquez!

Pelo marquez que nomeou inquisidor geral (1760-1770) seu irmão, seu *alter ego*, Paulo de Carvalho e Mendonça.

Pelo marquez, elle mesmo «ministro e deputado por El-Rei para o expediente de todos os negocios concernentes ao Santo Officio da Inquisição»;

Pelo marquez, que ordenou (20 de maio de 1769) que fosse tratada de *Magestade* e lhe deu um novo Regimento (1-XI-1774) onde continuam a horrida *fogueira inquisitorial* e autos de fé, bem como as mais cruéis torturas para forçar os reus a confessar as suas culpas...

Continua V. A.

N. R.—Por falta absoluta de espaço, fica para o proximo n.º a continuação d'este artigo. Que nos perdoe o seu auctor e nosso amigo.

Censura á imprensa

Publicamos, a seguir, a lei votada, no ultimo sabbado, na camara dos deputados e no Senado:

«Artigo 1.º—O artigo 2.º da lei n.º 495, de 28 de Março de 1916, é substituido pelo seguinte:

Art.º 9.º—As commissões de censura illiminarão qualquer noticia ou apreciação unicamente n'estes casos:

1.º—Quando seja prejudicial á defeza nacional, militar ou economica, ou ás operações de guerra.

2.º—Quando envolva propaganda contra a guerra.

Art.º 2.º—Das elliminações ordenadas pelas commissões de censura haverá sempre recurso, sem effeito suspensivo, para o ministério do Interior.

§.º unico—O recurso será julgado no praso maximo de 48 horas, contados da sua apresentação.

Art.º 3.º—O jury não intervirá no julgamento das transgressões de que trata o art.º 5.º da lei 495, de 28 de março de 1916.

Art.º 4.º—Ficam assim alterados os art.ºs 2.º e 6.º da citada lei n.º 495 e revogada a legislação em contrario».

No Senado, o snr. ministro do interior disse que «se as restricções d'esta lei forem tão grandes que permittam a publicação de noticias prejudiciaes ao estado de guerra, os jornaes serão apprehendidos!»

Era escusado dizer, por nossa parte, que nos não preocupa a declaração do snr. ministro do Interior.

Sabemos ser portuguezes—e sabemos ser patriotas.

E quando o patriotismo é nosso escudo e o dever da hora presente é nossa lança, nada tememos, a não ser a arbitrariedade e o sectarismo demagógico, que entende que só é patriota quem seja republicano esquentado—capaz de tudo!

Tudo será preciso

Dizia, Mgr. Mariz, ha dias, na «Actualidade»:

«Se é necessario, como nos tempos primitivos da Igreja, viver nas catacumbas, voltemos a viver nas catacumbas, mas com a mesma fé, com a mesma pureza de costumes, com o mesmo zelo, com a mesma união, com o mesmo espirito de proselitismo, com a mesma caridade, que tinham os primeiros christãos.

Após os Neros, os Domicianos, os Dioclecianos, hão de vir os Constantinos.»

Commenta a «Liberdade»:

«Os do Gremio... irritam-se que o Episcopado diga aos fieis *Organisemo-nos*:

Pois já ficam sabendo os catholicos: O Centro está fundado e installado. Não o propagar, é fazer a vontade da maçonaria, é ficar desarmado perante a guerra eminente.»

«Diario Nacional»

Com o n.º 310, relativo a 15 do corrente, completou um anno de existencia este brilhantissimo collega da capital, superiormente dirigida pelo snr. conselheiro Ayres de Ornellas, illustre representante, em Portugal, de S. M. o Senhor D. Manoel II e de que é sub-director o brilhante jornalista e distincto polemista, snr. dr. Annibal Soares.

D'aqui saudamos, effusivamente, tão primoroso confrade, associando-nos á festa do seu primeiro anniversario e das manifestações de sympathia de que foi alvo.

O alferes de interpretaria

A proposito da falsa noticia que correu, ácerca d'um pretendido ferimento n'um pé do alferes Sebastião Costa—ferimento que o «Seculo» chegou a dizer que fõra obtido durante a estada do dito snr. alferes n'uma trincheira da primeira linha,—ahi vac esta carta de um official, que vimos publicada em a «Liberdade», com o competente visto da censura:

«F... 13 de Junho de 1917.—Meu caro...—Li hoje n'um «Seculo» que aqui chegou uma noticia que me indignou. Foi a referencia a um ferimento de Sebastião Costa e respectiva manifestação em Lisboa. A referencia é feita propositadamente para o elevar. É preciso restabelecer a verdade e qual a situação do sujeito aqui. Esse homem está no quartel general, *quarenta* (40) kilometros á rectaguarda das linhas, onde não vae, porque a sua missão é a de interprete para interrogar prisioneiros que não existem. Os inglezes não teem d'esses interpretes ou pelo menos não são offi-

ciaes de sapadores, que tanta falta fazem. A minha companhia tem por exemplo falta de 2 officiaes «*Ha um mez que os peço*». Respondem-me que «os não ha», quando ha, pelo meno,sesse. Elle porem leva a vida a passear n'uma cidade, perto da qual está o quartel general. E agora até o glorificam com um insignificante ferimento. Ficam porem no olvido todos aquelles officiaes e soldados que nas trincheiras morrem ou ficam gravemente feridos, como tem acontecido ultimamente. Creio mesmo que elle nem sequer uma arranhadura tem. Nunea ouvi aqui falar em tal. Hei-de porem averigua-lo e mando-te dizer. Isto é de rebenotar de indignação.

Peço-te que te não cales, que se não calem todos vós e que façam isto conhecido de todos e o berrem aos ouvidos *d'elles*... Não se importem com a censura. Não tem nada com isto. Conto contigo. Adeus. Cumprimentos a tua familia e um abraço para ti do teu amigo F.»

Os «echos»... da «beija»

São assim chamados, os—«Echos da ultima eleição» — que foram estampados no ultimo numero da gazeta democratica.

É que ella, não podendo conter os tremeliques da derrota, vem de vez em quando esvurmar o odio que traz lá por dentro, a ameaçar o ceo e a terra — e agora tocou a vez a microscopicos funcionarios do ministerio do Interior, da Justiça, da Instrucção e do Trabalho, que pairam cá pelo concelho, e entre os quaes, dos que a gazeta cita com nomes e cargos, se encontram authenticos republicanos *de antes do 5 d'outubro*, mas de quem a referida folha não gosta pelo motivo simplissimo de esses cavalheiros não serem creados do democratismo.

Mas é irrisoria e ridicula a sophistica denuncia!

Que o sr. administrador do concelho deixasse, por si proprio, de ter confiança em certos regedores e os substituisse, — vá; mas que venha a gazeta sua partidaria lembrar-lhe a degola... calúda!

Que os depositarios das caixas ruraes venham a ser demittidos de tal *logar* por qualquer *irregularidade* commetida, como violação ou roubo de correspondencia, seria de toda a conveniencia; mas que venha insinuar-se essa demissão pelo motivo futil de não terem dado o voto ao candidato democratico, — é triste!

Quanto a outros funcionarios, dos que a gazeta aponta, apenas esta consideração: No tempo da propaganda *elles* diriam que quem pagava aos funcionarios publicos era o Estado e não a Monarchia; e nós agora, repetindo o já cançado argumento, diremos que quem paga a esses funcionarios é o Estado e não a Republica. É o Povo — com P grande. — O povo, ou o Estado, não paga votos, mas paga serviços.

E, de mais a mais, o voto mesmo que seja do funcionario publico, é livre — como já era d'antes!

O que porem se torna mais caviloso, em toda a tal perlanga denunciadora, é o facto de ser a gazeta de que é director o official do Registo Civil, quem a si proprio venha impôr a demissão dos *tubarões* que estão a arrecadar umas

miseras migalhas, lá pelos postos das aldeias, como seus subordinados — os ajudantes do dito official, que é quem suga em todas essas tétas!

Isto é que é de se lhe tirar o chapéu, cartola e tudo.

Mas se a tal denuncia não fosse simplesmente ridicula, ella seria, pelo menos... (escolha o leitor o termo.)

Não vencerão!

Com o visto da censura de Lisboa, *A Ordem* dizia ha dias o seguinte:

«Vae ser declarada a guerra aos catholicos, assim o affirmou hontem nos deputados o ministro Alexandre Braga!

Não a provocamos, mas também não a tememos. Quando quizerem, encontram-nos no nosso posto sem um unico desfallecimento, sem uma hesitação.

Nós sabemos muito bem que o castigo imposto ao Venerando Prelado do Porto é a primeira violencia de uma série, resolvida na caverna da rua do Gremio Luzitano, e talvez brevemente o snr. Dom Antonio Barroso tenha como companheiro o snr. Cardeal Patriarcha.

A maçonaria quer guerra?! Pois tã-a-ha, aqui lh'o affirmamos peremptoriamente».

A Liberdade, onde encontramos este trecho, acrescentava-lhe o seguinte:

«Fazemos nossas as palavras do collega. A guerra como na guerra.

Ainda hontem nos cahiu sobre a banca um folheto do Gremio... Elias Garcia assignado por um tal Renato em que se combate a pastoral do Episcopado a titulo de... propaganda catholica!

Não ficará sem resposta. Mas é mais um signal do que se prepara, e que já nos havia chegado aos ouvidos. Cá esperamos o choque para marcharmos ao assalto.

E podem os trez pontinhos ficar sabendo que os tempos de hoje não são os da questão religiosa de 1900! São muitos outros! Fiquem sabendo que já não escarram na cara de sacerdotes sem resposta á letra. Publiquem quantas leis quizerem. Não vencerão!»

Já nos tinham iufornado de que um gremio maçonico fizera distribuir um folheto a proposito da Pastoral dos nossos Bispos. A maçonaria não cessa a sua propaganda.

Mas temos a convicção de que pode a maçonaria fazer chover quantas leis quizer, oppressoras da consciencia catholica, que não vencerá! Unam-se os catholicos e aprontem-se para o combate que, se tiver de ser renhido—será renhido.

ALGUMAS REFLEXÕES

sobre um artigo do sr. «Chaves Coupon»

Publicou o *Esposzendense*, em tres numeros seguidos, um longo artigo firmado pelo sr. *Chaves Coupon* (pseudonymo de um padre catholico), que intitulou «Reflexões», artigo esse que fõra feito a proposito de um outro artigo que Mgr. Mariz fez publicar em a *Actualidade*, de Braga.

Lendo aquelle artigo, pozemo-nos também a reflectir sobre o que lá diz o sr. *Coupon*.

E, em face d'esta pergunta sua:

«Hypocritas ou inconscientes, porque? Por votarmos segundo os dictames da nossa consciencia e de harmonia com os ensinamentos da Igreja Catholica, á cerca do voto?»

Ficamos nós sabendo que o sr. *Chaves Coupon* deu o seu voto, e muito conscientemente, segundo diz, ao candidato democratico, que s. ex.ª diz que é «um catholico de familia» (o italico é nosso).

Reflexão: «Devem os catholicos, na falta de candidatos proprios, dar o seu voto a homens de reconhecida probida-

de — diz a Pastoral collectiva dos nossos Bispos. E estando em concorrência dois candidatos, um mais favorável aos interesses religiosos e mais firme de caracter, mais de confiança para não se deixar vergar pelas imposições da disciplina partidaria, — e outro em que estes predicados se realizem em grau inferior, — a obrigação é votar no primeiro, no mais digno — (E' isto instrução da mesma Pastoral.)

Agora perguntamos: Reparou o sr. Coupon em se havia um candidato proprio que offerecesse sufficientes garantias e fundada esperança de favorecer os interesses do catholicismo?

Reparou o sr. Coupon, para o effeito de lhe dar o voto, em qual dos candidatos seria mais favorável aos interesses religiosos e mais firme de caracter (religioso) e qual d'elles reuniria a qualidade (no caso presente bem necessaria), de se não deixar vergar pelas imposições da disciplina partidaria?

Nós entendemos que... mal agiram os catholicos, padres, parochos e doutores que guerrearam esta candidatura — a catholica — pois obraram em desarmonia com os dictames da sua consciencia — e, principalmente, — em menosprezo da Igreja, a respeito do voto.

O sr. Chaves Coupon quiz antes guiar-se pela Epistola de S. Paulo a Timotheo, cap. 3, que cita, — dizendo que S. Paulo se fez christão com os christãos e judeu com os judeus, para ganhar a todos — e não quiz saber da instrução pastoral, sobre o voto, publicada ha pouco pelos Senhores Bispos.

O sr. Coupon quiz ganhar a todos... votando contra o candidato, proprio, dos catholicos...

O illustrado sacerdote (o sr. Coupon diz que é padre catholico) diz que mal agiram os catholicos, padres, parochos e doutores que guerrearam a candidatura — democratica — por quanto nenhum d'este senhores pôde adduzir, em sua defesa, o menor conhecimento das virtudes catholicas do dr. Fonseca Lima, comparativamente ás virtudes catholicas do dr. Pacheco de Amorim, vislho que s. ex.^a demora mais longe, e não faz parte do circulo eleitoral de Braga.

Não tratou, pelo que se comprehende, o sr. Coupon, de informar-se acerca das virtudes catholicas do doutor Amorim, para saber se este offereceria melhores garantias, e se seria mais merecedor, só por isto, do seu voto?

Parece que não. Se assim foi, e não temos duvida que foi mesmo assim, o sr. Coupon não pode dizer que procedeu e votou de harmonia com os ensinamentos da Igreja Catholica — por quanto esta diz, pela bocca dos Bispos de Portugal, que, em caso de duvida, a obrigação do eleitor é informar-se e esclarecer-se, e não dar o seu voto ás cegas: a ignorancia, lá diz a Pastoral, não absolveria da responsabilidade maior ou menor pelos effeitos do seu acto.

De tudo o que se lê no artigo do sr. Chaves Coupon, conclue-se que s. ex.^a tinha mais sympathias pelo sr. Fonseca Lima; e que não quiz saber se a sua consciencia religiosa podia vir a dar preferencia ao candidato do Centro Catholico, se chegasse a ter conhecimento de que este offerecia, ás garantias aconselhadas pela Pastoral dos Snrs. Bispos. Estava no seu direito de votar em

quem quizesse; mas o que não está, é no direito de vir dizer aos que votaram contra o candidato democratico, que procederam mal.

E para fechar estas reflexões muito ligeiras, suggeridas após uma leitura tambem muito ligeira do artigo do sr. Coupon, affirmaremos a este sr. que se não faz selecção de catholicos monarchicos e republicanos, de catholicos filiados no Centro e não filiados — mas unica e simplesmente selecção entre catholicos: de muita fé, de pouca fé e de nenhuma fé.

Para os catholicos, quanto ao dever do voto, é esta a unica selecção a fazer entre os candidatos. Nem o Centro, se bem o cremos, fará outra, porque acima de tudo está a Religião e o interesse da Patria.

Echos & Noticias

Dona Augusta Victoria

Passou, no ultimo domingo, o anniversario d'aquella que uniu o seu futuro ao do Rei de Portugal deposto, o Senhor D. Manoel II.

Tem ella, a Augusta Princeza, affirmado a excellencia dos seus sentimentos christãos, e sabe-se que ella ama os portuguezes como se, de facto, Rainha fosse d'este povo.

Pois basta isto para que, respeitosa e d'este cantinho do Minho, dirijamos as nossas saudações áquella que, com seu esposo, soffre a nostalgia da Patria que escolheira.

Ao saudal-a, fazemos votos pela sua felicidade e por uma vida longa.

Em Alheira

Realisou-se, no penultimo domingo, n'esta freguezia, a costumada romaria de S. Lourenço, que foi muito concorrida.

O sr. José Affonso Portella, principal promotor d'esta popular festividade, offereceu um jantar a alguns dos seus amigos que alli foram, o qual decorreu com enthusiasmo.

D. Lucia Azevedo

Na Escola Normal do Porto, concluiu, ha dias, os seus estudos, a nossa patricia ex.^{ma} sr.^a D. Lucia Duarte Azevedo, sympathica filha do nosso amigo sr. Arnaldo Deltim d'Almeida Azevedo.

Os nossos parabens.

Espectaculo

Realisou-se, na penultima terça-feira, no Gil Vicente, o annunciado spectaculo pela tournée Carlos d'Oliveira, que representou a engraçada comedia em quatro actos, «Casta Esmeralda». Casa muito regular. Desempenho, o que pôde exigir-se de artistas.

A pedido de alguns cavalheiros d'esta villa, a distinctissima actriz Lucinda Simões recitou a conferencia humoristica da illustre escriptora ex.^{ma} sr.^a D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich («Veva de Lima») intitulada «Elegancia, Moda e Bom-gosto», que ha pouco tempo fora escripta para ser recitada pela illustrada actriz.

Esta conferencia, que tem periodos em que o humorismo é caustico e outros em que provocam gargalhada, foi calorosamente applaudida.

Quando Lucinda Simões acabava a recitação do bello trabalho litterario de «Veva de Lima», appareceu no palco a gentil menina Maria José (Fervença) que, em nome de alguns cavalheiros, admiradores da grande artista, lhe offereceu um riquissimo ramo de flores.

A assistencia eubrin com fartas salvas de palmas, esta manifestação de sympathia feita a Lucinda Simões.

Donativo

Foi feito, da quantia de 2\$500 reis, á Associação dos Bombeiros Voluntarios, pelo sr. Angel Bilbao. Bem haja.

Exame

No lyceu do Porto concluiu o 3.^o anno dos lyceus, obtendo a honrosa classificação de 15 valores, o academico sr. Anthero Ramos, filho do sr. Antonio Maria Vieira Ramos, nosso estimado patricio e considerado secretario de finanças em Penafiel.

A este nosso amigo e ao distincto academico, apresentamos as mais sinceras felicitações.

Em S. Martinho

Realisa-se no proximo domingo, na vislha freguezia de Villa Frescainha, a festa a que ha tempos aqui fizemos referencia e que alli costuma realizar-se com muito esplendor, precedida de um triduo de praticas.

De manhã haverá communhão, missa cantada, e sermão pelo Rev.^o Covêllo, de Pão.

A tarde, sermão e procissão. Musica de Villar do Monte; e Zés-Pereiras, de Carvoeiros, que percorrerão, tambem, as principaes ruas d'esta villa.

Dr. Alves Machado

Partiu para Coimbra, a fim de continuar a cursar a faculdade de direito, em que em breve se formará, o nosso presado amigo sr. dr. Alves Machado, muito digno secretario da Camara Municipal.

Senhora da Franqueira

Realisou-se, no ultimo domingo, em Pereira, a festa em honra de Nossa Senhora da Franqueira, que se venera, n'uma humilde capellinha, n'um dos sitios mais encantadores dos suburbios d'esta villa — e para cujo sitio de ha muitos annos se vem reclamando as atenções dos barcellenses.

Moedas de prata

Vão ser recolhidas e deixam, portanto, de ter curso legal no paiz:

Até 31 d'outubro, as moedas de prata da effigie de D. Luiz I; até 30 de novembro, as da effigie de D. Carlos I; e até 31 de dezembro, as da effigie de D. Manoel II. Nas ilhas, estes prazos estão fixados, respectivamente, até 28 de fevereiro, 31 de março e 30 d'abril, do proximo anno.

Dr. Joaquim Meira

Hospede de seu illustre genro, o sr. dr. Vieira Ramos, esteve n'esta villa, com sua ex.^{ma} familia, o sr. dr. Joaquim José de Meira, distincto clinico em Guimarães, retirando, d'aqui, para a praia da Povoá de Varzim.

Baptisado

Foi solememente baptisado, em Villa Secca, uma filhinha do nosso amigo sr. Agostinho Lopes dos Santos, zeloso solicitador, que recebeu o nome de Maria Alice.

Foram padrinhos: sua tia paterna, ex.^{ma} sr.^a D. Alice Paula dos Santos, e o sr. Antonio Gomes Corrêa Junior, importante proprietario, de Gilmonde.

Praia d'Apulia

Já se encontram n'esta aprasivel praia, com suas ex.^{mas} familias os snrs: Conselheiro Sá Carneiro, Julio Mendes da Rocha Diniz, Secundino Pereira Esteves, dr. Lima Torres, José Vieira Velloso, Frederico A. P. de Carvalho, Manoel Antonio da Silva Junior, José Joaquim de Sousa.

Casa de Comissões

Os possos patricios srs. Annibal d'Azevedo e Jayme Nunes, filhos dos nossos amigos srs. Arnaldo Azevedo e Manoel José Nunes Pereira, acabam de montar, na rua Elias Garcia 116, 2.^o Porto, um escriptorio de comissões e consignações, sob a firma Azevedo & Nunes.

Aos novos negociantes, desejamos muitas prosperidades.

Delivrance

Na Povoá de Varzim, onde se encontra de visita a suas illustres sogra e cunhada, deu á luz uma creança do sexo masculino, a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Helena Corrêa d'Almeida Peixoto Mattos Graça, esposa do nosso amigo sr. dr. Luiz Mattos Graça.

O neophito poucos momentos teve de vida, achando-se a parturiente em via de restabelecimento.

Praia da Povoá

N'esta praia encontram-se, d'esta villa, — além da ex.^{ma} familia Mattos Graça, as dos snrs. José Pereira da Quinta, Emygdio Leite de Carvalho, Manoel d'Araujo Coutinho, José B. Ferreira Dias e o sr. Agostinho José Moreira.

Augusto Mello

Na sua quinta da Faxa, concelho de Villa do Conde, encontra-se, com sua ex.^{ma} familia, o sr. Augusto Teixeira de Mello.

Sob a Cruz

Falleceu no penultimo domingo, victimada por uma lesão cardiaca, a sr.^a Joaquina Maria da Silva, esposa do coveiro-guarda do cemiterio municipal, sr. Manoel José Pereira e mãe do sr. Manoel da Cunha Ferreira, digno ajudante do notario sr. dr. José Julio Vieira Ramos.

—No Hospital da Misericórdia falleceu, na penultima terça-feira, a sr.^a Rosa Gomes de Faria, que ha dias ficara horrivelmente queimada, devido a uma explosão d'alcool.

—Tambem ha dias se finou a mãe do sr. José da Costa Araujo, activo depositario, n'esta villa, das machinas «Singer».

—No Hospital da Misericórdia, falleceram ainda: a sr.^a Arminda Fernandes Ribeiro, esposa do sr. Firmino de Sá Cachada e sobrinha do sr. Abbade de Villa Cova; Virgilio d'Oliveira, d'Azeméis; e Manoel da Cunha Santos, d'esta villa.

Os nossos pesames a todas as familias enluctadas.

O concelho de relance

Carvalho—No proximo domingo vão em passeio ao mosteiro do Senhor da Fonte da Vida, as creanças da catechese das freguezias vizinhas do Monte da Franqueira.

Após a chegada ha-de recitar-se o terço com canticos aos mysterios no grupo de creanças e no fim a Ladainha. No largo fronteiro ao templo, ha-de servir-se ás creanças uma pequena merenda, havendo no fim um certamen de pião.

—Ao vencedor dar-se-ha um «valioso» premio. Tudo se prepara para que a festa resulte brilhante e cheia de peripecias engraçadas, attento a genio folgazão da pequenada.

—Terça-feira resa-se uma missa, no altar de Nossa Senhora da Conceição, pelos soldados d'esta freguezia que estão nos campos de batalha. Que a Padroeira dos Portuguezes os faça voltar á patria cobertos com os louros da victoria.

Christello—Retirou-se, ha dias, para Espozende, o novo parochos d'aquella villa, sr. P.^o Adelino Marjo Lopes Pedrosa, que, desde ha cinco annos, vinha sendo o coadjutor do rev.^{mo} Abbade d'esta freguezia.

Sua Ex.^a era aqui tão querido que, em cada um dos habitantes d'esta freguezia, encontrava um dos seus amigos mais dedicados.

E' por isso que a sua retirada deixou a todos muitas e muitas saudades.

—Para coadjutor n'esta freguesia foi nomeado, e já aqui se encontra, o nosso amigo sr. P.^o Eduardo de Lemos Ferreira, de Macieira. O nosso bom povo reconhecerá, dentro em pouco tempo, que foi muito bem acertada esta nomeação.

Valle d'Aguiar—Consoante fôra largamente annunciado, realisou-se em Ballugães, nos dias 14 e 15, a costumada romaria da Senhora Aparecida.

Decorreu com muita solemnidade e luzimento e com desusada affluencia deromeiros.

Os sermões couberam ao nosso presado assignante rev.^o Coreixas, abbade de Sandiães, orador de meritos reaes e fama já consagrada por estes arredores, e rev.^o Manuel Barbosa, abbade de Geraz, o qual apresentou um bem elaborado discurso que declamou com calor.

Das coisas que mais curiosidade despertavam, foram 2 andôres de proporções descommunes que, conquanto habilmente gisados e decorados, roçavam quasi pelo excentrico.

A origem d'aquella devoção da Aparecida bem como da primitiva capella, que ainda existe, remonta ao principio do seculo XVIII. E' tradição que no cimo d'aquella aprazivel collina, chamada monte do Crasto, apparecera a Virgem a um pobre e innocente menino, de nome João, o Mudo, filho do pedreiro André Alves que por então andava a trabalhar na ponte d'essa villa. Depois de varios incidentes em que entra em larga escala o maravilhoso, construiu-se a primeira capella sobre o local reputado da apparição. Fosse historia ou lenda, o caso é que aquella pittoresca estancia tornou-se o centro de grande devoção á Virgem, convergindo para alli, d'anno para anno, moles crescentes de peregrinos. O ruido d'esta devoção que alastrava, pelo paiz, determinou uma visita do arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles que, maravilhado do fervor que observou, e achando acanhada a primitiva ermida, deu o primeiro impulso á construção do actual templo, de rigida construção e arrojadas proporções e amplitude. Não escassearam os donativos, até de reis; sendo tambem para notar o d'uma senhora de Barcellos que offertou uma apreciavel imagem, que, benzida nos Terceiros, n'essa villa, foi conduzida processionalmente desde a capella da Portella, do Tamel, n'um imponente e interminavel cortejo.

Continuando o largo catalogo de bemfeitores, ainda ha pouco os 2 irmãos Rosas, João e Francisco, de Cossourado, brindaram a velha capella com um bem delineado altar, para cuja pintura e douramento tambem concorreu o sr. Francisco Rodrigues Machado, de Ballugães, digno successor de seu tio que foi grande benemerito d'aquelle sanctuario.

Calcula-se que os donativos de diversas especies, colhidos só no dia 15, devem approximar-se a um valor de 400\$000 reis.

Sobre ser um notavel centro de devoção, aquelle privilegiado local é tambem um bellissimo ponto de vista.

D'alli, n'um relancear d'olhos, abrange-se toda uma formosa bacia, um feracissimo valle, contornado pela circumvolução dos montes que, em ondulações caprichosas, se perdem na immensidão do horizonte.

Pedida

Para o sr. João Pinto, considerado empregado commercial d'esta villa, foi ha dias pedida em casamento, pelo sr. Manoel Cardoso d'Albuquerque, a sr.^a D. Urbana Livia de Lima, filha da proprietaria do «Hotel Urbana», sr.^a D. Urbana Vieira Durães.

ANNUNCIOS PINHAL

Vende-se o que defronta com a Estação de Amorim — linha ferrea da Povoá a Famalicão.

Para ver o pinhal, pedir a chave da propriedade na mesma Estação.

Propostas á Typographia de «O Poveiro» — Povoá de Varzim, até ao fim d'este mez.

Compra de pinheiros

Pedimos aos senhores proprietarios o favor de nos avisar quando tenham alguma partida de pinheiros para vender.

Lembramos tambem que a melhor forma de os vender é por arrematação, reservando os senhores proprietarios o direito de os não entregar quando não atinjam preço que lhes convenha.

J. SALORT Y C.^a EN LIQN.

MERCEARIA 1.^o DE DEZEMBRO

DE

Sebastião Pereira de Brito

Chá, café e papelaria. Arroz, assucar e bacalhau. Azeites espezias. Massas de superior qualidade.
Deposito da Companhia Velha do Alto Douro.
Bolacha fina, biscoutos de Vallongo. Louças e vidros. Farinhões de trigo e sementes e muitos outros artigos.

Rua Infante D. Henrique, 27 a 33

Rua Manuel Vianna, 1 a 7

BARCELLOS

Pintor e armador

Manoel Alves da Costa

Rua da Igreja, 36 — POVOA DE VARZIM

Encarrega-se de executar todos os trabalhos de armações de egrejas, simples e de luxo. Assim como tambem se encarrega de funeraes.

Acceita todos os trabalhos de pintura: Imagens, decorativa, pintura de casas, de luxo, primeira e segunda qualidade e douramento de altares, etc., etc.

ESTABELECIMENTO DE FERRAGENS

DE

Manoel Alves Coutinho

CAMPO DA REPUBLICA

Sortido completo de: ferro, ferragens, aço, arame zincado, vidraria, molduras, etc., etc. Deposito de cal e adubos chimicos. Tambem tem á venda camas de ferro.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

ESCRITORIO DE NEGOCIOS ECCLESIASTICOS E CIVIS

DE

Armenio Augusto d'Oliveira Sotto Maior

89, Rua D. Frei Caetano Brandão, 92 — BRAGA

Trata de todos os negocios ecclesiasticos, que são obtidos na Nunciatura Apostolica e em Roma, (dispensas matrimoniaes) Breves de Oratorio, religiosos de legados pios, sanatorias, etc., assim como os que se obtêm na Camara Ecclesiastica do Arcebisado, seja qual fôr a sua natureza; e de quaesquer outros dependentes das repartições civis e militares.

Os negocios de que seja encarregado são tratados com a maxima rapidez, seriedade e economia.

Typographia e Encadernação

Fernando Marinho

R. Infante D. Henrique, 63 a 67

Premiado com medalha de prata na E. Agricola e Industrial de Brucellos de 1903

(Em frente ao Correio Geral)

BARCELLOS

Imprimem-se com toda a perfeição e rapidez, cartões de visita, bem como: rotulos a cores, circulares, facturas, enveloppes, memoranduns, programmas para festividades, jornaes, relatorios para associações e casas bancarias, etc., etc.

Encaderna-se, com solidez e por preços baratissimos, toda a qualidade de livros desde a encadernação mais simples á mais luxuosa, não havendo n'esta villa competidor n'estes trabalhos.

"ATLANTICA,"

COMPANHIA DE SEGUROS

CAPITAL 500 CONTOS

SÉDE PORTO — LOYOS, 92

Agencia Porto — Infante D. Henrique, 53

Telegrammas — «ATLANTICA» Porto

Telephones

Administração 1:986
Secção Expediente 1:306
Secção Maritima 2:105
Agencia 1:897

Delegações e Agencias em

Lisboa	Barcelona	Athenas	Funchal
Londres	Vigo	Bordeus	Ponta Delgada
Pariz	Genova	Marselha	Horta
Christiania	Palermo	Havre	Ilha de Cabo Verde
Stockholmo	Petrogrado	Tunis	Ilha de Santa Maria
Copenhague	New York	Alger	
Madrid	Boston	Malta	

1:800 correspondentes no paiz

Seguros contra fogo, roubo, tumultos, assaltos, guerra, guerra civil, granizo, innundações

Seguros contra morte e accidentes de animaes

Seguros maritimos contra todos os riscos

Commissarios de avarias em todos os portos do mundo

SEGUROS DE GUERRA

Sinistro pagos em 1916 — 153 CONTOS

Banqueiros

J. M. Fernandes Guimarães & C.^a
Joaquim Pinto Leite Filho & C.^a — Porto
Banco Nacional Ultramarino
London County & Westminster Bank
Pinto Leite & Nephews — Londres
Crédit Lyonnais — Paris
Revisions Bank — Copenhagen

ESTA COMPANHIA está em relações com Companhias Inglesas, Francezas, Italianas, Russas, Dinamarquezas, Suecas, Norueguesas, Americanas e Hespanholas.

Correspondente em Barcellos, JOÃO DE SOUSA,
Rua D. Antonio Barroso, n.º 15

A TENTADORA

Nova Merceria e Papelaria

DE

JOAQUIM VIEIRA DA COSTA

Rua D. Antonio Barroso, 64, 66 — BARCELLOS

N'este estabelecimento, montado nas melhores condições, encontrarão sempre os estimados freguezes grande sortido de chá, café, arroz, assucar, bacalhau, azeite e massas de superior qualidade.

Bolacha fina e biscoutos de Vallongo e Povoá.

Seriedade de preços!

Visitem este estabelecimento!